

Baco e Vênus nos provérbios em latim medieval – alguns comentários históricos, lingüísticos e literários

Álvaro Alfredo Bragança Júnior

Doutor em Letras Clássicas, Pós-Doutor em História Medieval UFRJ

I. INTRODUÇÃO

Ernst Robert Curtius, em **Literatura européia e Idade Média latina** (1957:51), ao tratar da questão de quais autores seriam os mais utilizados dentro do sistema educacional medieval, cita-nos uma lista de vinte e um nomes de autoria de Konrad von Hirsau, monge germânico ⁽¹⁾ do século XII:

1) o gramático Donato; 2) o aforista Catão ...; 3) Esopo ...; 4) Aviano ...; 5) Sedúlio ...; 6) Juvenco ...; 7) Próspero de Aquitânia ...; 8) Teódulo ...; 9) Arátor ...; 10) Prudêncio ...; 11) Cícero; 12) Salústio; 13) Boécio; 14) Lucano; 15) Horácio; 16) Ovídio; 17) Juvenal; 18) “Homero”; 19) Pérsio; 20) Estácio; 21) Virgílio...

Dessa lista, prossegue o estudioso alemão (1957:51),

a escassa seleção compreende pagãos (de preferência da fase final da Antigüidade) e cristãos, sem levar em conta a cronologia; dos clássicos, somente Cícero, Salústio, Horácio e Virgílio - quatro autores que, porém, pela sua associação com os outros quinze, perdem a sua posição especial de clássicos e cujo mérito é considerado quase exclusivamente pelo seu efeito moral.

Atesta-se esta particularidade, ou seja, a utilidade dos autores para veicular lições de moral, na literatura de cunho dogmático-doutrinário, que tinha, entre as suas formas de expressão, os exercícios escolares com provérbios rimados, muitos deles usados “como preparo para o recreio do espírito e da inteligência”.⁽²⁾

O enfoque novo, pois, dado às obras da Antigüidade Clássica refletia a tomada de posicionamento da elite cultural de então, isto é, o clero. Utilizava-se o legado cultural dos textos antigos, porém não se pretendia imitar os seus padrões. Como bem assevera Régine Pernoud (s.d.: 113)

Isto não significa que a Idade Média tenha ignorado a Antigüidade; Horácio, Sêneca, Aristóteles, Cícero e muitos outros são estudados e citados frequentemente, e os principais heróis das literaturas antigas, Alexandre, Heitor, Príamo e Tisbeu, Fedro e Hipólito, inspiraram, por seu turno, todos os autores medievais;

para depois concluir, que

se se vê então na Antigüidade um reservatório de imagens, de histórias e de sentenças morais, não se vai ao ponto de a enaltecer como um modelo, como o critério de toda a obra de arte; admite-se que é possível fazer tão bem e melhor do que ela; admiram-na, mas preservar-se-iam de a imitar.(s.d.: 113)

Não a imitação pura e simples dos autores, mas sim o plágio criativo, que nos casos dos **libri proverbiorum**, podia ser encontrado na ampliação e modificação das palavras originais. (³). Ruy Afonso da Costa Nunes (1979: 199) cita, como exemplo, referindo-se ao renascimento cultural do século XII, John of Salisbury, “um professor de literatura para quem a composição literária devia inspirar-se nos grandes mestres do passado, mas sem plagiá-los, e que procurava ensinar aos alunos a arte de ler bem e de bem redigir”, acrescentando a seguir:

Antes dos humanistas dos séculos XV e XVI, os estudiosos medievais de Chartres, Paris, Orleães, etc., redescobriram os encantos das belas-letas e deram o máximo realce no ensino à leitura e à imitação dos clássicos latinos. Do ponto de vista educacional, o renascimento do século XII foi sobretudo literário ...(1979: 199)

Tal assertiva é do mesmo modo expressa por Jacques le Goff (s.d.:31), quando menciona o fato de os professores medievais, como clérigos, fazerem uso não apenas das fontes cristãs mas também principalmente das obras das *auctoritates* greco-latinas, por considerá-las trabalhos científicos:

Se estes mestres que são clérigos, que são bons cristãos, preferem como *text-book* Virgílio ao *Eclesiastes* e Platão a Santo Agostinho, não o fazem apenas por estarem persuadidos de que Virgílio e Platão contêm ensinamentos morais ricos e que, por dentro da casca existe o miolo...; fazem-no porque, para eles, a *Eneida* e o

Timeu são antes de mais nada obras *científicas* – escritas por sábios e apropriadas para serem objecto de ensino especializado, técnico -, enquanto as *Escrituras* e a Patrística, que podem ser ricas em matéria científica ..., o são apenas secundariamente.

Sem negar, portanto, o embasamento cultural dos textos da tradição cristã-patrística, os autores medievais, e sobretudo os do século XII, retomam os autores antigos como alavancas para a ampliação do horizonte cultural de então, cuja importância foi tornada célebre através das palavras de Bernardo de Chartres, mencionadas por Le Goff (s.d.: 32):

Somos anões que treparam aos ombros dos gigantes. Desse modo, vemos mais e mais longe do que eles, não porque a nossa vista seja mais aguda ou a nossa estatura maior, mas porque eles nos erguem no ar e nos elevam com toda a sua altura gigantesca.

Os exemplos de parêmiás rimadas dentro dos manuscritos seleccionados por Werner em sua obra **Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters**, que contém nomes de autores e de personagens famosos da Grécia e Roma antigas, fornecem-nos uma pequena amostra de sua aplicação e conhecimento dentro dos círculos intelectuais medievos.

a) Distribuição dos nomes de autores e/ou de personagens da Antiguidade Clássica por ordem alfabética:

Letra A: 2 ocorrências;

Letra B: 1 ocorrência;

Letra C: 3 ocorrências;

Letra D: 1 ocorrência;

Letra G: 3 ocorrências;

Letra H: 1 ocorrência;

Letra N: 2 ocorrências;

Letra Q: 2 ocorrências;

Letra R: 1 ocorrência;

Letra S: 3 ocorrências;

Letra T: 1 ocorrência;

Letras U-V: 2 ocorrências.

Total: 22 ocorrências

b) Distribuição total dos nomes de autores e/ou de personagens da Antigüidade Clássica por manuscrito:⁴

Manuscrito **B** – 9 ocorrências;

Manuscrito **Ba** – 9 ocorrências;

Manuscrito **P** – 3 ocorrências;

Manuscrito **Sch** – 1 ocorrência.

Total: 22 ocorrências

O maior número de citações referentes a Baco – três ocorrências e Vênus – oito ocorrências) levou-nos a comentá-los dentro do provérbio por nós escolhido para análise.

II. BACHUS NOS PROVÉRBIOS MEDIEVAIS

Provérbio: **Tesseribus, Bacho, stabili meretricis amore**

Qui committit ei, proprio privatur honore. (manuscrito **B**)

Tradução: Nos dados, em Baco, no constante amor de uma meretriz

Quem nisso incorre, é privado da própria honra.

Partindo-se para uma análise formal do provérbio, o que primeiramente nos chama a atenção é a sua estrutura rítmica, que apresenta acentuação intensiva nas 2^a, 5^a, 8^a, 10^a, 12^a e 15^a sílabas tônicas, no primeiro verso e nas 1^a, 3^a, 5^a, 6^a, 8^a, 10^a e 12^a sílabas tônicas no segundo verso, permitindo que visualizemos a acentuação intensiva característica do verso medieval rimado.

Quanto ao esquema rimático, *a + a* em *amore* e *honore*, este caracteriza os versos *caudati*, no caso, em dístico, com dois hexâmetros, sendo o primeiro de dezesseis sílabas e o segundo de quatorze sílabas com rima dissílaba nas finais.

No campo da análise lexical e semântica encontramos *tesseribus*, do latim *tessera* e este do grego *téssares*, os “dados”, objetos de forma cúbica utilizados em jogos; *Bacho*, de *Bacchus*, deus romano do vinho e da inspiração poética, aqui simbolizando a bebida; *meretricis*, forma do genitivo singular de *meretrix* e esta ligada ao verbo *merere*, “merecer”: “prostituta”; *honore*, forma ablativa de *honus*, *-ris*, a “honra própria”. O valor

da *honos* para os romanos está contido neste provérbio medieval, pois quem se entrega aos prazeres do jogo, do vinho e de prostitutas está destituído de sua própria dignidade.

Baco, o deus da vinha, teve uma história atribulada. Era filho de Júpiter e de Sêmele, princesa tebana, filha de Cadmo. Devido aos ciúmes de Juno, esposa de Júpiter, o palácio onde vivia com sua mãe foi incendiado, vindo sua mãe, em conseqüência, a perecer, sendo ele, ainda nascituro, salvo por intermédio de Mácris, filha de Aristeu e posteriormente entregue a Júpiter que o introduziu em sua coxa até a hora de seu nascimento.(**apud** Commelin, 1906: 75)

Sua associação ao vinho é descrita com estas palavras por Commelin:

Quando cresceu, conquistou as Índias com um bando de homens e mulheres, conduzindo tirsos e tambores em vez de armas. A sua volta foi uma marcha triunfal, dia e noite. Em seguida esteve no Egito onde ensinou a agricultura e a arte de extrair o mel; plantou a vinha e foi adorado como deus do vinho. (1906:75)

Também diz-se que Baco teria sido “quem primeiro estabeleceu uma escola de música; em sua honra deram-se as primeiras representações teatrais.” (1906:76) Sua descrição física impressiona:

Baco é geralmente representado com cornos, símbolo da força e do poder, coroadado de pâmpanos, de hera ou de figueira, sob a aparência de um jovem risonho e festivo. Com uma das mãos segura um cacho de uvas ou um chifre em forma de taça; com a outra um tirso cercado de folhagens e de fitas. Os olhos são negros e, sobre as espáduas, a sua longa cabeleira lisa com reflexos doirados, cai em tranças ondeadas. (1906: 77-78)

A sua relação com o suco fermentado do fruto da videira reflete-se nas oferendas feitas pelos seus seguidores. Como afirma o estudioso francês (1906:78), “imolavam-lhe a pega, porque o vinho solta a língua e torna os bebedores indiscretos”. Seus outros nomes também se relacionavam com seu poder sobre o vinho:

Às vezes é chamado *Liber* (Livre), porque o deus do vinho liberta o espírito de qualquer cuidado; *Evan*, porque as suas sacerdotisas, durante as orgias, corriam de todos os lados gritando: *Evohé*, *Bacche*, termo derivado de uma palavra grega que significa “gritar”, alusão aos gritos das bacantes e dos grandes bebedores. Tem ainda outros

sobrenomes provenientes do seu país de origem ou dos efeitos da embriaguez: *Nysoeus*, de Nysa, *Lyaeus*, que afugenta a mágoa. (1906:78-79)

Pelo exposto, nota-se, a partir da definição de seus atributos, que o deus Baco e o vinho simbolizam uma união, cujo resultado é expresso basicamente em orgias e descontrole ao falar, derivados da embriaguez, que, segundo a visão eclesiástica medieval, afasta os homens da sobriedade e sapiência indispensáveis ao comportamento de um cristão.

Jogo, bebida e prostitutas são temáticas recorrentes na Idade Média como dignas de sérias reprimendas àqueles que a elas se dedicam. O fascínio exercido pelo jogo, onde sorte e azar convivem lado a lado e levam os homens muitas vezes à completa ruína financeira, sem falar na moral; ao vinho, que desde os antigos era a bebida da verdade, pois *in vino veritas*, entregavam-se os homens sem limites; as mulheres de vida fácil fechavam o ciclo de prazeres mundanos, ofertando-se, em troca de pagamento, àqueles que as procuravam para a fruição da carne. Nos *Carmina Burana*, mais especificamente, nas canções de taberna, encontramos vários textos, nos quais os dados e o vinho são louvados e o clero satirizado:

a) Sobre o jogo

Ego sum abbas Cucaniensis
et consilium meum est cum bibulis
et in secta Decii voluntas mea est,
et qui mane me quesierit in taberna,
post vesperam nudus egredietur
et sic denudatus veste clamabit:

“wafna, wafna!
quid fecisti, sors turpissima!
nostre vite gaudia
abstulisti omnia.” (apud BISCHOFF, B. *et alii*. (1979: 648)).

Tradução:

Eu sou o abade da Cocanha (da terra dos prazeres)
e meu conclave acontece junto aos bebedores
e minha vontade está na seita de Décio
e quem me buscar de manhã na taberna,
após a tarde sairá nu
e assim nu clamará pela roupa:

“às armas, às armas!
 Que fizeste, ó mui torpe sorte!
 Arrebataste todas as alegrias
 de nossa vida!”

b) Sobre o vinho - reproduzimos aqui, apenas o final da quarta estrofe e as estrofes quinta e sexta do *carmen buranum* 196, onde toda a sociedade medieval celebra Baco.(⁵)

...

tam pro papa quam pro rege
 bibunt omnes sine lege.

Bibit hera, bibit herus,
 bibit miles, bibit clerus,
 bibit ille, bibit illa,
 bibit servus cum ancilla,
 bibit velox, bibit piger,
 bibit albus, bibit niger,
 bibit constans, bibit vagus,
 bibit rudis, bibit magus,

Bibit pauper et egrotus,
 bibit exul et ignotus,
 bibit puer, bibit canus,
 bibit presul et decanus,
 bibit soror, bibit frater,
 bibit anus, bibit mater,
 bibit ista, bibit ille,
 bibit centum, bibit mille.

Tradução:

...

tanto pelo papa quanto pelo rei
 bebem todos sem lei.
 Bebe a senhora, bebe o senhor,
 bebe o soldado, bebe o clérigo,
 bebe aquele, beba aquela,
 bebe o servo com a criada,
 bebe o rápido, bebe o vagaroso,
 bebe o branco, bebe o negro,
 bebe o constante, bebe o vagante,

bebe o rude, bebe o mago.

Bebe o pobre e o doente,
 bebe o desterrado e o ignorante,
 bebe o jovem, bebe o velho,
 bebe o prelado e o prior,
 bebe a irmã, bebe o irmão,
 bebe a velha, bebe a mãe,
 bebe esta, bebe aquele,
 bebem cem, bebem mil.

Os dois trechos satíricos das *Canções de Beuren* são bastante significativos quanto à perniciosa influência do jogo e da bebida na sociedade medieval.

No primeiro poema, um abade, ou seja, o representante máximo de uma comunidade de eclesiásticos em uma abadia, praticamente transfere sua vida daquela para a taberna, onde celebra, não o mistério da eucaristia, mas sim o milagre de “Santo Décio”, nome invocado pelos quase todos anônimos autores dos *Carmina Burana* como o santo protetor daqueles que bebem. Não satisfeito com o vinho, entrega-se ao jogo e aquele que tentar retirá-lo da mesa, acabará, ele próprio, sentindo “na pele” a tentação dos dados, pois sairá nu, já que tudo, inclusive suas roupas, perderá no jogo.

No segundo poema, os versos rimados afirmam ao leitor/ouvinte, que não há distinção social para a bebida. Pelo papa e pelo rei, por aqueles que governam o mundo, bebem todas as classes sociais, sem distinção de cor, função, grau de instrução, idade ou parentesco. Quem verdadeiramente rege os homens é Baco, deus do vinho, que foi ensinado por Sileno a plantar a vinha e pelas Musas a cantar e dançar. Uma divindade pagã que pervertia a ética comportamental cristã.

A partir das considerações acima expostas, acreditamos, pois, que o provérbio em dístico por nós analisado é um veemente ataque àqueles que preferem os prazeres do mundo à santidade de vida, ou seja, referendando um discurso pedagógico de censura que tenciona nortear o mundo de acordo com um ponto de vista espiritual. O elemento mitológico da Antigüidade greco-latina, aqui Baco, não estava imbuído de qualidades e virtudes cristãs, manifestando somente suas características perversoras e nocivas a uma comunidade regulamentada pelas palavras de Cristo. Contra ele, o jogo e a prostituta se

ergue a voz moral de fundamento cristão. Seu efeito retórico persuasivo apela diretamente ao *proprius honos* do censurado, de forma a reconduzi-lo ao Pai com as bênçãos da Igreja.

Um outro dístico medieval, em versos *unisoni*, também utiliza-se de Baco e introduz Vênus: *Raro frigescit Bacho Venus, ipsa calescit; / Litigium vita! tibi res honesta petita.* – manuscrito **B** -, “Raramente Vênus esfria com Baco, ela própria se aquece; / Foge da contenda! Tu debes te dirigir para coisas honestas.” Aqui Vênus, simbolizando a beleza do sexo feminino, une-se a Baco, o deus do vinho, aquele que, como anteriormente considerado, desestabiliza o homem através dos efeitos da bebida. Juntos os dois, o amor de uma mulher e o vinho corrompem e abalam as estruturas do edifício individual do cristão medieval e devido a isso o autor do provérbio, em tom exclamativo, exorta o leitor-ouvinte a se abster de ambos, pois a *res honesta petita* é certamente o cumprimento das palavras de Deus ensinadas pela *mater ecclesia*.

Outra parêmia medieval em forma de dístico oriunda do manuscrito **B** vem referendar a influência negativa desses deuses latinos, a menos que haja moderação: *Gaudia sunt vite Venus et Bachus sine lite! / Gaudia non vites animi! semper fuge lites!*, “Venus e Baco sem contendas são as alegrias da vida! / Não evites as alegrias do espírito! Foge sempre das brigas!”. Em versos *collaterales*, com a redução das consoantes geminadas *cc* em *Bacho*, este dístico proverbial transmite-nos uma idéia menos negativa do amor (Vênus) e do vinho (Baco). Se as duas “divindades” forem corretamente, isto é, *sine lite*, “sem contendas” cultuadas, não ferirão o código de conduta do homem medieval. Mesmo assim, o provérbio ainda afirma a supremacia das coisas espirituais sobre os efeitos da carne e do vinho, na medida em que as alegrias do espírito, *gaudia animi*, aqui entendidas como as dádivas do Senhor na vida humana, constituem o principal objetivo do homem, aproximando-o do seu Pai celestial. Por outro lado, as brigas o distanciariam deste último, Deus do verdadeiro amor, aquele que, consoante a visão clerical do medievo, é infinitamente superior ao sentimento entre homem e mulher.

Destarte, Baco nos é apresentado nestes dísticos proverbiais com suas características enebriadoras, que destoariam dentro da própria simbologia cristã, onde o vinho, acima de tudo, era identificado com o sangue de Jesus Cristo, este o redentor da humanidade, aquele um elemento que, sem moderação, poderia desestruturá-la.

III. VENUS NOS PROVÉRBIOS MEDIEVAIS

Provérbio: **Nescit quid doceat, quem Venus illaqueat** (manuscrito **Ba 106**)

Tradução: Desconhece o que deve ensinar, aquele a quem Vênus seduz.

Afrodite para os gregos e cultuada em Roma como Vênus, a deusa latina presidia os prazeres do amor. Há duas versões sobre o seu nascimento, uma que a descreve como filha de Júpiter e de Dionéia, filha de Netuno e a outra, mais conhecida e contada por Homero, segundo a qual a deusa teria sido formada, segundo Commelin (1906:68)

da espuma do mar aquecido pelo sangue de Celo ou Urano, que se lhe misturou, quando Saturno levantou mão sacrílega sobre seu pai. Acrescenta-se que dessa mistura nasceu a deusa, perto da ilha de Chipre, dentro de uma madreperla. Diz Homero que ela foi conduzida a essa ilha por Zéfiro, que a entregou entre as mãos das Horas, que se encarregaram de educá-la. Essa deusa assim concebida seria a verdadeira Afrodite, isto é nascida da espuma, em grego *Aphros*.

Como deusa da beleza, dos prazeres e dos amores, possuía um cinto onde encerrava as “graças, os atrativos, o sorriso sedutor, o falar doce, o suspiro mais persuasivo, o silêncio expressivo e a eloquência dos olhos”. (1906:69)

Com tais armas, seu poder sobre os mortais era irresistível. Templos lhe foram construídos em Chipre, Pafos, Citera, sendo seu culto um dos mais populares na Antigüidade. Desposou Vulcano, adulterou com Marte, apaixonou-se, porém, pelo mortal Adônis e o amou, até que este foi assassinado pelo deus da guerra metamorfoseado em javali. Ao descer aos infernos, de acordo com Commelin (1906:70-71), o jovem foi amado pela rainha do reino inferior, Prosérpina, o que fez com que Vênus, indignada, se queixasse junto a Júpiter, que resolveu o litígio ao decidir que Adônis estaria livre durante quatro meses ao ano, os quais passaria na companhia da deusa, enquanto no tempo restante estaria nas regiões infernais ao lado de Prosérpina.

Embora fosse a deusa do amor, seu comportamento estava longe de ser totalmente amável. Commelin (1906:71) menciona e exemplifica seu caráter vingativo, ao afirmar que Vênus era

muito vingativa e impiedosa nas suas vinganças. Para punir o sol (Febo) da indiscrição de haver advertido Vulcano do seu adultério com Marte, tornou-o infeliz em quase todos os amores. ... Vingou-se da ferida que recebera de Diomedes diante de Tróia, inspirando a Egíale, sua mulher, paixões por outros homens. Castigou da mesma maneira a musa Clio que havia censurado o seu amor por Adônis, a Hipólito que desdenhara os seus atrativos.

Essas duas faces do amor personificadas pela deusa – a paixão carnal e o sentimento de vingança – foram realçadas por boa parte dos *litterati* medievais, que viam nelas um fator de desagregação e de distanciamento do elemento masculino da palavra bíblica. Personificada pela mulher, Vênus seduziria negativamente os homens, dominando suas mentes com o apelo da carne, assim como Baco faz com o vinho, e os conduziria desta forma para a perdição e danação eternas, pois o paraíso celeste requer o primado do espiritual e, com isso, o domínio sobre o corpo corruptível.

No provérbio em verso leonino encontrado na biblioteca da universidade de Basel, a deusa romana literalmente laça – de *in*, “dentro de” e *laqueare*, verbo preso ao substantivo *laqueus*, “laço” – aquele que não tem consciência de que há assuntos mais importantes a serem aprendidos do que se deixar enredar pelas teias do amor.

Esta total submissão aos caprichos da deusa e conseqüente falta de vigilância também podem ser encontradas na parêmia 31 do manuscrito **Ba**, *Curis artatur, si quis Veneri famulatur*, “Se alguém é criado de Vênus, é afligido de cuidados”. Neste provérbio em verso leonino, o traço social de vassalagem medieval é transposto para a relação entre Vênus e seu seguidor, sintetizada pelo verbo *famulari*, “servir como criado”. Aqueles que seguem os prazeres advindos do corpo da mulher, portanto, descuidam-se dos bens do espírito, cujas repercussões ulteriores serão funestas fatal e eternamente.

A tentação das filhas de Eva, adornadas pelo cinto de Vênus, é do mesmo modo retratada pelo provérbio 4, em verso leonino, de Paris, *Cuius forma bona, Veneri sit femina prona*, “A mulher, cuja beleza é perfeita, está inclinada para Vênus”. Evidencia-se neste exemplo o poder de sedução feminino quase irresistível exercido pela deusa, que apenas seria detido, se o homem se dispusesse a se armar defensivamente com o Verbo divino.

Um outro provérbio do manuscrito **B**, em dístico com rimas leoninas, reúne Vênus a Baco e ao jogo, completando o quadro desarticulador do cristão medieval: *Alea, vina, Venus; tribus hiis sum factus egenus; / Hec tria qui poterit spernere, dives erit*, “Os dados, os vinhos e Vênus; eu sou feito desprovido dessas três coisas; / Quem puder essas três coisas desprezar, rico será”. A monotongação do ditongo *-ae* - em *e* no caso de *hec* aparece com bastante frequência nos textos medievais. Nesse provérbio, os três elementos talvez mais perniciosos dentro da vida cotidiana do medievo, o jogo, o vinho e a mulher, simbolizada por Vênus, são criticados a partir do ponto de vista do autor, que afirma estar livre deles e em consequência disso, fixa um parâmetro de riqueza, que não está contido neles. À medida que o tom do discurso proverbial é pedagógico-moralizante, logo podemos deduzir que o mesmo pretendia afastar o público leitor e/ou ouvinte desse trinômio desestruturador da vida social de fundamentação cristã da Idade Média, o que, por fim, configuraria sua redação no seio eclesiástico.

Conforme o material por nós submetido à análise, portanto, vemos na figura de Vênus a imagem da mulher insinuante, que ao lançar mão dos seus atributos físicos e demais recursos de sedução, instaura um grande perigo para a cristandade ocidental em terras em sua grande maioria germânicas. Assim, a representação da deusa romana associada às suas características do amor carnal somente poderia suscitar reprimendas àqueles que desejassem servi-la, pois em um mundo, no qual o homem deveria estar se preparando para a verdadeira vida *post mortem*, as palavras de São Paulo em Gálatas 5, 16-17 teriam que imperiosamente constituir a sua base moral:

Digo-vos pois: andai segundo o Espírito e não satisfareis os desejos da carne. Efetivamente, a carne tem desejos contrários ao espírito, e o espírito desejos contrários à carne; estas coisas são contrárias entre si, para que não façais tudo aquilo que quereis.

pois os frutos da carne, os quais Vênus estimula, são

o adultério, a fornicação, a impureza, a luxúria, a idolatria, os malefícios, as inimizades, as contendas, as rivalidades, as iras, as rixas, as discórdias, as seitas, as invejas, os homicídios, a embriaguez, as glutonias e outras coisas semelhantes, sobre as quais vos previno,

como já vos disse, que os que as praticam não possuirão o reino de Deus.(**apud Bíblia sagrada**, 1989: 1278)

IV. PALAVRAS FINAIS

As personagens da mitologia greco-romana, Baco e Vênus, chegam aos olhos e ouvidos dos alunos medievais, portanto, como temas de referência cultural e moral da Antigüidade. Contudo, Baco e sua comitiva regada a vinho e Vênus com seu apelo lascivo para a concupiscência do amor carnal são motivos de reprimenda dentro dos provérbios provenientes das escolas eclesiásticas e universidades. Muito mais que isso, eles representam antigos valores, adquirem e expressam novas idéias permeadas todas pela mensagem doutrinária cristã, convertendo-se então em exemplos e *auctoritates* de um mundo pagão, cuja sabedoria prática, porém, não pode ser desdenhada, mas sim aproveitada e convertida em um modelo pedagógico eclesiástico de fundamentação católica.

¹ - Empregamos o termo *germânico*, na medida em que não havia no século XII um estado unificado alemão, mas sim vários reinos, onde se falava a língua alemã.

² - Convém lembrar, que à época do texto de Curtius (1947) e da edição brasileira (1957), a coleção dos **Proverbia sententiæque latinitatis Medii Aevi** de Walther ainda não tinha sido publicada.

³ - Em WERNER, manuscrito **D 5** lê-se *Gutta cavat lapidem non vi sed sepe cadendo. / Sic addiscit homo non vi sed sepe legendo.* “A gota cava a pedra não com força, mas sempre a cair. / Assim o homem aprende algo não pela força, mas lendo frequentemente.”, pois a oração original em latim clássico, *Gutta cavat lapidem* aparece em Lucrécio (1, 313), *Stillicidi casus lapidem cavat*, “O pingar constante da água escava a pedra” e em Ovídio nas *Epistulae ex Ponto* (4,10,5), *Gutta cavat lapidem, consumitur annulus usu*, i.e., “A água cava a pedra, o anel se consome pelo uso” e na *Ars amatoria* (1, 475 s.), *Quid magis est saxo durum, quid mollius unda? / dura tamen molli saxa cavantur aqua*, “O que há de mais duro do que a pedra e de mais mole do que a água? / No entanto, as duras pedras são cavadas pela água mole. Cf. TOSI, Renzo. (1996: 423-424).

⁴ - Os manuscritos utilizados neste artigo e pesquisados pelo autor são os seguintes: a) manuscrito **B** - A.XI., Biblioteca da Universidade de Basel, Suíça. Werner considera a redação do mesmo como tendo sido feita no primeiro quartel do século XV. Trata-se de uma coleção de, na maioria das vezes, sentenças de duas linhas ordenadas alfabeticamente, ao lado das quais, com frequência, a fonte é citada; b) manuscrito **Ba** - o mesmo manuscrito, porém, contém entre as folhas 236 –283 uma coleção de sentenças, provérbios e citações de escritores clássicos, que, do mesmo modo, são ordenados alfabeticamente. O citado manuscrito apresenta-se acrescido de aditamentos; c) manuscrito **D** - Darmstadt 2225, século XV (na capa, ano de 1410). Aqui temos o autor da seleção, Galfrido de Vino; d) manuscrito **K** - Munique, Biblioteca do Paço, século XIII; e) manuscrito **P** - Paris, Biblioteca Nacional, Lat. 6765, século XII; f) manuscrito **Sch** - Munique, Biblioteca do Paço e da Cidade, século XII; g) manuscrito **SG** - de Sankt Gallen, Biblioteca do Convento, século XV (1462).

⁵ - **Apud** BISCHOFF, p. 592 e *carmen* 222, p. 594.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA. Tradução do Pe. Matos Soares. São Paulo: Paulinas, 1989.

BISCHOFF, B. *et alii.* **Carmina Burana.** München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1979.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. **A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade.** Rio de Janeiro: Seção de Reprografia da Faculdade de Letras da UFRJ, 1999. Tese de Doutorado em Letras Clássicas (No prelo).

COMMELIN, P. **Nova mythologia greca e romana.** Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, 1906.

CURTIUS, Ernest Robert. **Literatura européia e idade média latina.** Tradução de Teodoro Cabral: Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

DUBY, Georges. **Heloísa, Isolda e outras damas no século XII.** Tradução de Paulo Neves: São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Idade Média, idade dos homens.** Do amor e outros ensaios. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

-
- FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento Nacional de Educação, 1955.
- FRANGIOTTI, Roque. **História da teologia – período medieval**. São Paulo: Paulinas, 1992. Coleção Patrologia. Vol.2.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- HABEL, Edwin & GRÖBEL, Friedrich. **Mittellateinisches Glossar**. 2. Aufl.. Paderborn; München; Wien; Zürich: Schöningh, 1989.
- LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Tradução de Margarida Sérvulo Correia. 2. ed.. Lisboa: Gradiva, /s.d./.
- LEXER, Matthias. **Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch**. 35. Auflage. Stuttgart: S. Hirzel Verlag, 1979.
- LOYN, H. R. (Org.) **Dicionário da Idade Média**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da educação na Idade Média**. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1979.
- OBELKEVICH, James. Proverbs and social history. In: **Wise words. Essays on the proverb**. Edited by Wolfgang Mieder. New York, London: Garland Publishing, Inc., 1994. p. 211-252.
- PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Tradução de António Manuel de Almeida Gonçalves. Mem Martins: Publicações Europa-América, s.d..
- RIBEIRO, Daniel Valle. **Igreja e estado na Idade Média**. Relações de poder. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.
- ROIO, José Luiz del. **A igreja medieval – a cristandade latina**. São Paulo: Ática, 1997.
- ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Tradução de Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SALISBURY, Joyce E. **Pais da igreja, virgens independentes**. Tradução de Tânia Marques. São Paulo: Página Aberta, 1995.
- TAYLOR, Archer. **The proverb and an index to 'The proverb'**. Bern; Frankfurt am Main; New York: Lang, 1985.

WERNER, Jakob. **Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters.**
Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1912.